

OS CAMINHOS DE *ONDE* NO PORTUGUÊS DO BRASIL: INSTRUMENTOS LINGÜÍSTICOS E DERIVA

Maria Marta Furlanetto*

Resumo: Este trabalho – focalizando o uso de *onde* no português brasileiro – é tópico de uma pesquisa que tem como objetivo estudar, em dados coletados em documentos escritos que (supostamente) utilizam o português padrão, as tendências à “*deriva*” em vários níveis (lexicológico, morfossintático, semântico, discursivo), buscando especificar fatores discursivos dessa *deriva*. A análise do *corpus* mostra um distanciamento gradual relativamente ao que preconizam os instrumentos lingüísticos, apontando um uso em que há dispersão e deslizamento semântico, mostrando-se que, para além da referência de *onde* a *tempo*, ocorrem casos de referência a *processo*, a *meio ou ponto de partida* e a *explicação que tem como escopo uma seqüência significativa*.

Palavras-chave: escrita formal; instrumentos lingüísticos; mudança.

1 INTRODUÇÃO

Em uma crônica chamada *Sintomas* Sírio Possenti (2001) explica o que seria uma mudança: “Quando você faz uma coisa que não fazia antes e nem nota que passou a fazer outra coisa – ou a mesma coisa de forma diferente –, este é um sinal inequívoco de que algo mudou” (p. 149).

Considerando que quem decide se uma forma é errada ou não são grupos de prestígio, certas tendências de uso (“desvios” em maior ou menor grau, do ponto de vista normativo) em pessoas desses grupos são um sintoma (ou indício) de mudança. Isso permite que se verifiquem formas alternativas (as já estabilizadas e as inovadoras) que podem entrar em conflito – conflito aqui encarado pela ótica de quem avalia essas formas.

Parece conveniente hipotetizar sobre os fatores intervenientes na contínua mudança de formas/significações tomando como foco a escrita mais ou menos

* Professora da Universidade do Sul de Santa Catarina. Doutora em Lingüística. E-mail: agatha@matrix.com.br.

formal – considerando aqui desde a linguagem encontrada nos meios de comunicação até aquela que se espera de um acadêmico em seu trabalho científico.

A pesquisa de que este trabalho é apenas um tópico – focalizando o uso de *onde* – se desenvolve tendo como objetivo geral estudar, em dados coletados em documentos escritos que (supostamente) utilizam o português padrão (incluindo suportes como livros, jornais, periódicos, boletins de associação, panfletos), tendências à “*deriva*” em vários níveis (lexicológico, morfossintático, semântico, discursivo), buscando especificar fatores discursivos dessa *deriva* e nível de aceitação/adoção com base em frequência de uso (ocorrências registradas), bem como encarar perspectivas para a área pedagógica.

2 LÍNGUA E INSTRUMENTOS LINGÜÍSTICOS

A ótica de análise é, em princípio, a da Análise do Discurso de tradição francesa (doravante AD), admitindo-se ser a língua (sistema significante) instável, heterogênea, não-fechada, onde há lacunas no espectro formal. É aí que acontece o que se tem chamado de falhas, deslocamentos, rupturas de sentido – local de “*deriva*”. No entanto, falar em *deriva* supõe a admissão de um centro, e no caso do sistema semiótico que é a língua o centro (referência virtual) seria o conjunto dos instrumentos lingüísticos existentes no espaço da hiperlíngua (tal como perspectivada por Aurox, 1994, 1997, 1998), instrumentos ordenadores da linguagem admissível para certas comunidades com certos propósitos. A gramática normativa, portanto, em que pese o corpo de críticas que a tem como alvo há bastante tempo, envolvendo questões político-ideológicas, é um marco da tradição para o estudo da divergência, com seus matizes e suas contradições – ao lado de outras formas, em última instância derivadas dela: manuais, dicionários, “comandos paragramaticais” (segundo expressão do sociolinguista Marcos Bagno).

Se tais instrumentos têm como base um tipo de uso que, por seu relativo prestígio, aflorou como algo que se considerou elegante e correto, sua modelização está sempre relacionada com alguma política da língua, e uma vez aparatados politicamente (em sentido amplo), servem como referência para usos discriminados também politicamente. Ou seja, nada há aí de “natural”, de “essencial”: de certa forma ocorre a naturalização, fundamentada em alguma noção (cultural) de purismo (cf. LEITE, 1999).

Por outra perspectiva, pode-se concordar com Coseriu (1979) quando afirma que o ponto de partida para explicar o mecanismo da mudança é o uso lingüístico, que será a norma das outras manifestações de linguagem – inclusive da língua. Para explicitar esse raciocínio, diria que essas outras manifestações integram gramáticas e dicionários, como instrumentos lingüísticos de referência. Entretanto, o problema que em geral se aponta para os instrumentos contemporâneos é que uma parte dos usos registrados estaria ultrapassada há muito, não refletindo sequer práticas mais próximas. Não obstante tudo isso, o apelo constante a esses instrumentos gramaticais (quando se busca comparar usos e criticá-los) faz com que sejam um ponto de partida relevante para a análise.

A língua, como materialidade, sempre terá um espaço que escapa à *gramatização* (v. AUROUX, 1997), esse processo de descrever e instrumentar o uso através da criação da gramática e do dicionário. A história desses procedimentos mostra um dos aspectos de interesse da AD. Pêcheux (1997), em *O discurso: estrutura ou acontecimento* [?], fala de uma divisão *discursiva* entre dois espaços: aquele das significações que se consideram estabilizadas e normatizadas, e aquele das transformações dos sentidos, “escapando a qualquer norma estabelecida a priori”. É pelo jogo entre estabilização e desestabilização, dois movimentos no interior da língua, que se pode falar daquilo que de alguma forma “resiste”:

Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é [...] lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (1997, p. 53)

O trabalho com as redes de memória, com as filiações históricas de sentido, representam, aqui, a busca do além-da-interpretação: entra sempre em jogo “o discurso outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou dessa seqüência” (p. 55).

Estrutura ou acontecimento? Pêcheux responde:

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito misterioso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e

trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem-sucedida,... (1997, p. 56)

O discurso aparece como efeito *da língua e das normas*, e como um trabalho que pode desestabilizar todo o conjunto.

3 GRAMÁTICA E HIPERLÍNGUA

Com referência a como a “gramática” da língua portuguesa estaria sendo violada, relativamente às normas sociais, anoto uma reflexão de Aurox (1997; v. também 1998) em *Les limites de la grammaire*. Aí o autor afirma que qualquer gramática, em determinado momento, se mostrará inadequada para explicar fenômenos produzidos pelos sujeitos, de modo que será preciso periodicamente produzir novas gramáticas. Quer se trate de uma gramática formal, quer de uma com regras de prescrição, a *mudança* e a *novidade* em uma língua, apesar das fortes restrições sociais, são uma constante.

Uma concepção de linguagem humana mais de acordo com esse fenômeno deve supor “a eficácia dos *atos ou acontecimentos lingüísticos* no sistema da língua”:

Desde o momento em que introduzimos os atos e os acontecimentos lingüísticos em nossa concepção da linguagem, introduzimos, além da temporalidade, a possibilidade de discontinuidades entre o que se passa antes e o que se passa depois. Em outras palavras, encaramos a *irreversibilidade* de certos processos. (1997, p. 127; tradução minha)

Aurox está, nesse contexto, criticando a concepção de criatividade lingüística com base na *produtividade* das regras da gramática. Para ele, a criatividade diz respeito a procedimentos e estratégias interativas que englobam mundo, sujeito e outros sujeitos, empiricamente considerados. Sempre ocorre heterogeneidade na gramática de *uma* língua: construções em registros diferentes não podem ser descritas a partir das mesmas regras. Assim, Aurox descarta regras homogêneas, em proveito de modelos interativos pondo em presença sujeitos diferentes com competências diferentes, cuja confrontação no tempo produzirá novas competências e o aparecimento de novas regras e novas estruturas

lingüísticas. Isso significa reconhecer que a gramática “não exprime nem a totalidade das causas produtoras da linguagem, nem mesmo os limites exatos da ação dessas causas produtoras” (ibidem, p. 138). Ele hipotetiza, por isso, que as atividades lingüísticas são subdeterminadas pela gramática, ou seja, não são sempre o produto de regras gramaticais.

Para complementar essa visão da língua e da gramática, veja-se também *A hiperlíngua e a externalidade da referência* (AUROUX, 1994). Nesse texto, o autor salienta que uma língua empírica só existe através de sujeitos com determinadas capacidades lingüísticas num espaço-tempo em que se desenvolvem artefatos técnicos, “entre os quais figuram (às vezes) gramáticas e dicionários”. Um espaço-tempo assim estruturado será concebido como uma “hiperlíngua” (1994, p. 243).

Acontecimentos discursivos influenciam uma língua e podem produzir mudanças no conjunto. Uma gramática, nesse contexto, contém hipóteses sobre a estrutura da hiperlíngua (mas há subdeterminação, como lembrado acima), e os sujeitos aí envolvidos podem ser, lembra Auroux, desde extremamente puristas a muito tolerantes. Como meio só relativamente estável, a gramática limita as inovações mas não pode impedi-las. Movimentar-se na hiperlíngua, sistema dinâmico, é requisito para aprender uma língua, e essa situação tem reflexos sobre a teoria da referência (relação entidade lingüística/objeto do mundo – que não é absolutamente estável): “só há referência no interior de uma hiperlíngua”, incluindo o meio e o comportamento humano – ou seja, criam-se valores ligados à linguagem que diferem de uma hiperlíngua para outra (ou outra modalidade, por exemplo o português brasileiro ao lado do português de Portugal).

A representação abstrata da língua que a gramática reproduz contém sem dúvida um núcleo essencial de atividades lingüísticas, mas essas atividades simplesmente não existiriam sem o substrato psicofisiológico que faz da fala humana uma realidade constituída em um mundo. (1994, p. 246)

Podemos aprender línguas gramaticais, mas vivemos e trocamos palavras, em determinado meio, com a memória de discursos e de acontecimentos lingüísticos. Um homem que não estivesse situado na realidade de uma hiperlíngua não falaria mais do que um computador incapaz de responder ao teste de Turing.¹ (ibidem, p. 248)

¹ O teste consiste em submeter um computador a uma conversa com um ser humano que desconhece o seu interlocutor. Se o sujeito não desconfia de que está falando com uma máquina, dir-se-á que o computador tem capacidade lingüística como os humanos.

Isso pode levar a dizer que, para além da revisitada polémica sobre se falamos, no Brasil, brasileiro ou português, temos, efetivamente, uma “hiperlíngua brasileira” (que, aliás, foi tema de um número da revista francesa *Langages* – 1998).

4 HISTORICIDADE E MUDANÇA

Embora o conceito de hiperlíngua seja relativamente recente, a direção tomada por Coseriu em sua obra *Sincronia, diacronia, história* (1979) encontra em muitos pontos a perspectiva de Aurox. Coseriu diz que o grande equívoco na discussão sobre mudança seria “atribuir ao objeto aquilo que é apenas uma exigência da investigação”. Com efeito, a antinomia saussuriana *sincronia/diacronia* pertence ao plano da investigação, e não do objeto “língua”; assim, refere-se à Linguística, não à linguagem. Coseriu tenta provar que a referida antinomia é “superável”, adiantando que não há contradição entre “sistema” e “historicidade” (cf. p.17-18).

Ele destaca que “a incompatibilidade não se verifica entre mudança e *realidade da língua*, mas entre mudança e certa *idéia* de ‘língua’” (p. 19, grifo do autor). Em sua perspectiva, o que não muda é a *língua abstrata* (o que não significa *irreal*): de fato, uma gramática não pode mudar por si mesma, nem um dicionário enriquecer-se por si mesmo. O que muda, então, é a *língua real em seu existir concreto*, realizada nos falares.

Do ponto de vista sincrônico, estabelecido por Saussure, é evidente que não se pode comprovar nenhuma mudança, visto que aí o que se faz é “ignorar deliberadamente a sucessão e a mudança”. O que se dá como independente da diacronia é então a própria descrição sincrônica, e não o estado de língua real. Ou seja: para a mera descrição sincrônica a língua não muda. No real da língua, no entanto, o equilíbrio não é estável, é precário. Um estado de língua não é *estático*.

Coseriu lamenta que as duas identificações feitas (*língua = estado de língua = projeção sincrônica*) tenham adquirido “caráter dogmático” em uma parte da linguística, que acabou radicalizando a distinção sincronia/diacronia. “A não-historicidade (sincronicidade) pertence ao *ser da descrição*, e não ao *ser da língua*. Por isso, não pode ser introduzida na definição do conceito de ‘língua’”.

Ele deixa claro que “Saussure não fez ontologia, mas *metodologia*” (ibidem, p. 27, grifos do autor).

Por outro lado, uma língua não poderia constituir-se se a mudança fosse “total e perpétua”, e se um estado fosse nada mais que um momento efêmero de uma transição incessante. Para além disso, um estado de língua é fundamentalmente reconstituição de um estado anterior; do ponto de vista da língua *atual*, “é cristalização de uma nova tradição” – ou seja, não-mudança. “[...] fator de descontinuidade em relação ao passado, a “mudança” é, ao mesmo tempo, fator de continuidade em relação ao futuro” (ibidem, p. 28).

Está bem claro em Coseriu que considerar a mudança como um fenômeno espúrio provocado por causas externas – como se a língua não devesse mudar – resulta de um ponto de partida equivocado: a consideração da língua como algo abstrato, encarado como *érgon*. Ela muda, em última instância, “*para continuar funcionando como tal*”: é *enérgeia*. Uma língua é condição de atos ulteriores; daí que o uso lingüístico deva ser o ponto de partida para explicar o mecanismo da mudança. Trata-se de lidar com a relação complexa entre *estrutura* e *acontecimento*, tal como explanada por Pêcheux (cf. 1997).

Essa concepção é coerente com o que Coseriu defende como constituindo o *fato social* (diferentemente de como o concebia Durkheim):

Os fatos sociais não são exteriores aos indivíduos, não são *extra-individuais*, mas interindividuais, correspondendo nisso ao modo de ser do homem, que é um “ser com outros”. Na medida em que se reconhece que “pertence também a outros”, ou em que se cria com o propósito de que assim resulte, o fato social – e, em particular, a língua – transcende o indivíduo, mas não lhe é de maneira alguma “exterior”, ... (1979, p. 41)

Coseriu concebe o indivíduo como alguém que autoriza a “língua-instituição” a constituir-se de determinada forma, deixando-a agir sobre ele com força sugestiva e normativa. Fatos sociais não seriam simplesmente tolerados, ou não seriam simplesmente “obrigatórios”, coercitivos. Ele diz que a própria adoção e adaptação a exigências pessoais e ocasionais configura já, para os fatos sociais, uma espécie de “mudança”. No caso da língua, supõe-se que os usuários não tenham o propósito de mudar a língua, e no entanto ela muda; as razões disso, diz Coseriu, devem ser buscadas “na própria função da língua e no seu modo concreto de existir” (p. 42).

Três conceitos dizem respeito a como se processa uma mudança: *inovação*, *adoção* e *mudança*. Uma *inovação* acontece quando se verifica um afastamento qualquer dos modelos existentes na língua. A aceitação de uma inovação como modelo para ulteriores expressões corresponde à *adoção* (1979, p. 71). Mas só há mudança *na língua* com a difusão ou generalização de uma inovação, o que implica uma série de adoções. Eis alguns dos fatores que podem envolver uma inovação, segundo Coseriu: alteração de um modelo tradicional; seleção entre variantes; criação de formas segundo possibilidades do sistema; empréstimos de outras línguas (com eventuais adaptações); economia funcional (negligência de certas distinções, consideradas supérfluas). Implicando aquisição, modificação, substituição, a adoção tem determinações culturais, estéticas ou funcionais – acrescenta Coseriu. Dir-se-ia hoje, ainda: determinações ideológicas e discursivas.

É claro que intervém, nesse processo, o critério do *prestígio*, de sujeitos ou de comunidades uns em relação aos outros. Assim, uma inovação pode ser rejeitada (por alguns, pelo menos) se parecer não-funcional ou incorreta, eventualmente menos elegante que uma forma/sentido já existente.

Por fim, saliente-se que, para Coseriu, “[...] estudar as mudanças não significa estudar ‘alterações’ ou ‘desvios’ – como parece quando se toma a língua como *-rgon* – mas, ao contrário, estudar a consolidação de tradições lingüísticas, ou seja, o próprio fazimento das línguas” (p. 93-94). É nesse sentido que, em vez de se perguntar por que as línguas mudam, o adequado é explicar “[...] por que as mudanças ocorrem tal como ocorrem” (p. 100): em que condições elas acontecem? Cabe lembrar que essas condições/determinações não “provocam” as mudanças, apenas podem contribuir para acelerá-las (ou, inversamente, para bloqueá-las).

As condições a estabelecer para estudar mudanças são, diz ele, *culturais* e *funcionais*. As mudanças se manifestam, do ponto de vista cultural, nas formas “esporádicas”, nos “erros correntes” em relação à norma e nos modos “heterossistemáticos” que se podem comprovar no falar; do ponto de vista funcional, pela presença, no mesmo modo de falar, de variantes facultativas e modos isofuncionais. Note-se: “[...] aquilo que do ponto de vista diacrônico *já é mudança*, do ponto de vista de um ‘estado de língua’ é *condição de mudança*, ponto crítico do sistema e possibilidade de seleção entre modos equivalentes” (p. 104). Aliás,

[...] tudo aquilo que nas gramáticas correntes está assinalado como “outra possibilidade” ou como “exceção”, é um reflexo do diacrônico no sincrônico, seja como constituição de um modo novo ou como persistência de um modo antigo, e constitui um “ponto crítico” do sistema realizado. (ibidem, p. 108)

De fato, como se tem observado nos instrumentos lingüísticos (como projeção metalingüística da língua), provavelmente as inovações começam aí onde as condições de “equivoco” são mais propícias, e uma delas é a verificação de lacunas – que podem ser também retratadas nas “lacunas” de aprendizagem. De qualquer modo, no plano do funcionamento da língua, uma vez que minha referência são os instrumentos gramaticais, o que observo mais especificamente, seguindo Coseriu, são essas *condições de mudança* – ainda que, em alguns casos, se possa dizer que certos usos já configuram mudança em relação a outro “estado de língua” (como quando comparamos, por exemplo, gramáticas mais antigas e descobrimos aí “neologismos” que já foram incorporados e deixaram de ter essa qualidade).

A par de todos esses efeitos, que apontam para o estilo de uma comunidade de linguagem, também se observa o que Coseriu sintetiza dessa forma: “[...] numa língua, o que por um lado se ‘constrói’ por outro se ‘desmorona’ e necessita de novos ‘reparos’” (p. 118). Temos, por exemplo, ao lado de redundâncias, os casos em que uma única forma amalgama funções variadas: é o que está acontecendo com *onde*. Fica claro, em todas as situações, que não existe coincidência cultural e funcional entre *sistema* e *norma* em uma língua (COSERIU, 1979, p. 120).

Como *saber tradicional*, uma língua se modifica mais rapidamente “em épocas de debilidade geral do saber”; os limites das mudanças estariam na funcionalidade do sistema. Paralelamente, como sistema funcional a língua se modifica nos “pontos frágeis” (aqueles em que não responde adequadamente às necessidades práticas); mas tais modificações têm um limite: a segurança da tradição (da norma) (ibidem, p. 122). Mudança e resistência à mudança acontecem simultaneamente.

5 PERSPECTIVAS SOBRE *ONDE*

Em seu *Dicionário do brasileiro de bolso*, Teixeira Coelho (1991) chama a atenção para *A estranha linguagem... que fala ao país*: as palavras “estão dizendo menos do que pretendem dizer, ou mais, ou exatamente o contrário, ou outra coisa, ou nada” (p. 9). Esse aparente exagero, que resume a exploração feita de expressões recolhidas desde 1964 até 1990 (incluindo, portanto, todo o período de ditadura), diz respeito a sua observação de que havia “rebuscamento contorcionista” para dissimular sentidos, feiúra de formas, pretensão erudita.

Buscando descobrir que mecanismos atuavam em sua composição, ele percebeu que as 350 expressões reunidas no formato de dicionário eram uma amostra representativa de modos de conceber e expressar o mundo, e de “querer fazer ver o mundo” – o que exprime ideologias.

O autor critica uma linguagem usada para “disfarçar o pensamento”, uma linguagem que impossibilita a comunicação. Ainda que reconheça que no uso de uma língua cristalizam-se imaginários ao longo dos séculos, ele prevê, como alguns filósofos, uma terapia na forma de “pedagogia do imaginário”, orientada para levar a perceber o que cada palavra diz e como diz; isso implicaria uma operação de limpeza do imaginário e seu repovoamento com novas figuras (p. 295).

De sua análise resultaram várias figuras (que se cruzam ou se subcategorizam), tais como: vazio semântico: *conectividade, inconvertibilidade*; grandeza neurotizada (-ão): *Mineirão, Arrudão, tigrão*; tratamento privilegiado ao estrangeiro: *checar, ombudsman, interface*; obscuridade: *problemática, indecível, desdiferenciação*; erudição (com indefinição, generalização): *área, espaço, ambiente*; eufemismo: *ajuste de preços, redemocratização, esforço concentrado*.

Embora meu objetivo não seja esse, nem partilhe todos os pressupostos do autor, seu trabalho lida com o imaginário social, que é importante tentar compreender para explicar o que estou apresentando como “deriva”. Ademais, um dos verbetes de Coelho é *onde*, de que há inúmeras variações no uso escrito.

Coelho percebe aí a seguinte tendência: *onde* substitui outros advérbios, especialmente *quando*; trata-se, para ele, de um processo de destemporalização dos acontecimentos e dos sujeitos, resultando na espacialização – o que implicaria “embaralhamento no sistema de referências das pessoas”, em vez de “um ganho

semântico ou filosófico ou ainda, simplesmente, uma nova configuração da realidade e dos modos de representá-la”. Pela perspectiva de Coseriu (exposta no tópico anterior), trata-se de uma rejeição pelo não-reconhecimento de funcionalidade. Eis um exemplo de Coelho (destaque meu):

- “Falei com o ministro *ontem*, *onde* ninguém me disse que essa medida seria tomada.” (p. 178)

Esclareça-se que os dados coletados por Coelho incluíam o oral (como nesse exemplo), ao passo que os desta pesquisa correspondem a material escrito mais ou menos formal. De uma forma ou de outra, *onde* parece ter concentrado uma gama ampla de funções semânticas, a indicação de lugar (prototípica nos instrumentos lingüísticos) convivendo com outras em que parece ampliar-se em direção ao abstrato o conceito de lugar – ou ainda, como sugere Coelho, transformar-se o tempo em espaço. Tornar-se-ão coletivos e regulares (gramaticalizados) esses usos derivados?

A primeira observação é que *onde* tende a neutralizar em si uma série de ocorrências semanticamente muito matizadas; no caso, resume várias funções perdendo sua característica única de referência a lugar; ou, alternativamente, *lugar* passa a ter um espectro referencial e semântico mais amplo.

Coelho afirma que “[...] teóricos da pós-modernidade já apontaram para a decadência de categoria moderna do tempo e a ascensão da categoria pós-moderna do espaço”. Diferentemente do que teria ocorrido na modernidade, em que aparece como “referente central da vida” (tempo é dinheiro),

[...] é como se o tempo estivesse, na hipótese mais nobre, sendo abolido ou diminuído, encurralado, desbastado, pulverizado (pelo desenvolvimento de técnicas de locomoção, como no avião; pelo aprimoramento daquelas outras que permitem a superação imaginária das distâncias, como na TV) ou, na alternativa menos nobre, confundido, mascarado, apagado, eliminado da memória e da consciência das pessoas (o desejo de uma juventude o mais duradoura possível, a vontade de recuar ou ignorar a velhice parecem indícios deste fenômeno). (COELHO, 1991, p. 178-179)

A substituição de *quando* por *onde* seria, então, uma tentativa de buscar o espaço onde ele não está, como que para garantir alguma estabilidade ao

processo de localização e autolocalização das pessoas. No segundo caso, o espaço parece servir como forma de ocultar o tempo. O autor frisa: “Tenta-se agarrar o espaço por não mais ser possível viver o tempo, tenta-se apreender o espaço para através dele fruir imaginariamente um tempo ilusório”.

Outra forma de apontar essa tensão é mostrar, como faz David Harvey (1992) em *Condição pós-moderna*, que a percepção do tempo e do espaço varia e, conseqüentemente, os sentidos aí implicados, o que afeta valores individuais e processos sociais básicos. Ele fala da “compressão do tempo-espaço”² na organização do capitalismo, e assim se expressa sobre o desconstrucionismo:

[...] ao desafiar todos os padrões consensuais de verdade e de justiça, de ética e de significado, e ao procurar dissolver todas as narrativas e metateorias num universo difuso de jogos de linguagem, o desconstrucionismo terminou, apesar das melhores intenções dos seus praticantes mais radicais, por reduzir o conhecimento e o significado a um monte desordenado de significantes. Assim fazendo, produziu uma condição de niilismo que preparou o terreno para o ressurgimento de uma política carismática e de proposições ainda mais simplistas do que as que tinham sido desconstruídas. (1992, p. 315)

Harvey diz que “[...] o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo [é] sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade”; mais que isso: “O pós-modernismo nada, e até se espoja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse.” (p. 49). Como os pós-modernistas tendem a uma concepção bem diferente da natureza da linguagem e da comunicação em relação aos modernistas, o que se valida no tratamento dos textos – especialmente após a extensão das idéias de Derrida com o desconstrucionismo – é o processo intertextual, a multivocalidade, a polifonia, tanto na fala quanto na escrita e na leitura.

² Por essa expressão o autor entende “[...] processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos. [...] À medida que o espaço parece encolher numa ‘aldeia global’ de telecomunicações e numa ‘espaçonave terra’ de interdependências ecológicas e econômicas [...], e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de *compressão*, dos nossos mundos espacial e temporal” (HARVEY, 1992, p. 219).

A vida cultural é [...] vista como uma série de textos em intersecção com outros textos, produzindo mais textos [...]. Esse entrelaçamento intertextual tem vida própria; o que quer que escrevamos transmite sentidos que não estavam ou possivelmente não podiam estar na nossa intenção, e as nossas palavras não podem transmitir o que queremos dizer. É vão tentar dominar um texto, porque o perpétuo entretecer de textos e sentidos está fora do nosso controle; a linguagem opera através de nós. (HARVEY, 1992, p. 53-54)

Politicamente seria possível dizer que tal processo cria a oportunidade de participação popular, desmanchando a fronteira entre o produtor de cultura como fonte de textos (impondo significações) e o consumidor, que buscaria alcançar e degustar as belas idéias dos produtores de conhecimento. Mas como seria possível, pergunta-se Harvey, “aspirar a agir coerentemente diante do mundo” se não podemos fazer dele nenhuma representação unificada e nem retratá-lo como uma totalidade onde haja conexões e diferenciações, tendo, ao contrário, de lidar com fragmentos em perpétua mudança? A resposta dos desconstrucionistas seria: representação e ação coerente são pura ilusão e repressão, de tal modo que um projeto globalizante seria impossível.

Do ponto de vista da norma gramatical, destaco a observação de Querino Alfredo Flach, professor que escreveu semanalmente durante alguns anos, na década de 1970, sobre os “meandros da linguagem” (Jornal O Estado, Florianópolis).

Flach (1977) registra dois usos de *onde* extrapolando a norma, exemplificando assim:

- A festa terá início às 19h30min., ONDE começará o cortejo da procissão. (ouvido por ele numa entrevista de televisão)
- Na festa, ONDE todos se divertiam, eu estava jururu e só, a um canto. (lido por ele em algum lugar)

No primeiro exemplo, *onde* estaria substituindo *quando*; no segundo, estaria substituindo *enquanto*. Neste caso, porém, também é possível (o autor não explica por que interpretou dessa forma) entender que *onde* remete a “na festa”. Observa, contudo, que no dicionário Aurélio registra-se esse uso como brasileirismo do Nordeste e provincianismo lusitano. E acrescenta: brasileirismo também do sul...

Possenti (2001) afirma que atualmente a palavra *onde* funciona “como um verdadeiro curinga. Com o tempo, se sua marcha não for detida, será o único pronome relativo do português. O que talvez seja bom” (p. 118). Se nenhuma gramática, como ele diz, registra *onde* como um pronome que pode retomar um nome como *prefeito*, de fato tal uso é antigo, tomando-se um ser humano como lugar, ponto de partida, como nos casos de descendência (*donde = de quem*).

Uma atitude menos cordata tem Neves (2000), que, em *Gramática de usos do português*, diz que o pronome relativo *onde* “é muitas vezes empregado equivalendo a **em que**, mas sem valor locativo, o que não tem justificativa” (p. 386). Eis um dos exemplos que ela apresenta:

- A diminuição dos empréstimos bancários que alimentam a produção cria **uma situação ONDE** não é o consumidor que pára de comprar. (FSP)

Onde aparece também como advérbio circunstancial de tempo. Pode servir para interrogar e ser precedido de *para/a* e *de*, com indicação de direção ou de origem (*onde, aonde, para onde, de onde?*) (ibidem, p. 239) Como pronome relativo, “sempre funciona como adjunto ou complemento adverbial de lugar” (p. 386).

Em Celso Cunha e Lindley Cintra (1997), *onde* é descrito como pronome relativo de forma invariável (ao lado de *que, quem*) – remetendo a um termo antecedente – e simples (ao lado de *que, quem, cujo* e *quanto*). Antecedido das preposições *a* e *de*, *onde* se aglutina com elas, produzindo-se *aonde* e *donde* (p. 333, 334)

Quanto às funções sintáticas, padronizadamente *onde* funcionaria apenas como adjunto adverbial:

- Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos **onde** eu morava. (M. Quintana) (p. 336)

Dada essa função típica, *onde* é considerado por alguns como “advérbio relativo” (p. 342). Mas também pode ser relativo sem antecedente (seria rotulado, então, como *relativo indefinido*):

- Passeias **onde** não ando... (F. Pessoa) [= nos lugares em que]

Notam ainda Cunha e Cintra que a distinção *onde/aonde* foi praticamente anulada na linguagem coloquial, mas “já não era rigorosa nos clássicos” (p. 342).

Quatro trabalhos mais sistemáticos podem ser evocados sobre o estudo de *onde*: o de Pires de Oliveira (1998), *Os caminhos do ‘onde’: uma contribuição da semântica ao ensino de língua materna*; os de Kersch, *Onde – uma questão de lugar?* (1996) e *A palavra **onde** no português do Brasil* (2001); o de Cunha, Oliveira e Votre (1999), *A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe*.

As reflexões das duas primeiras autoras envolvem a questão da língua padronizada nas gramáticas normativas. Os outros autores exemplificam o processo de gramaticalização³ com *onde* e outros elementos.

Pires de Oliveira (1998) explica os vários usos (exuberância, expansão semântica) de *onde* pelo processo semântico de projeção (polissemia), tentando buscar o percurso de raciocínio implicado aí, hipotetizando que não se trata de hipercorreção. Pressupõe usos prototípicos e usos periféricos; haveria uma lógica subjacente de expansão semântica. Explica que os “casos exóticos” testemunhariam a pouca familiaridade do usuário com a língua escrita culta.

Kersch (1996) inclui em suas reflexões a história de *onde*, que resulta de convergência de várias formas a partir do latim, não se podendo desconsiderar a distinção *onde* (lugar estático), *donde* (procedência) e *aonde* (direção) encontrada nas gramáticas; algumas também registram um uso coloquial de *onde* pronome relativo como simples elemento de conexão, sem função sintática: o *conetivo universal*, que Kersch, retomando Eneida Bonfim, chama de *onde discursivo*, como neste recorte que ela [Kersch] cita a partir de Infante:

- “Tem faltado apoio, onde nós temos enfrentado muitas dificuldades.”

Onde estaria substituindo *por isso, então, daí que, motivo pelo qual, assim, de modo que* (valor de conclusão ou explicação, diz a autora). Este seria, possivelmente, um “caso exótico” para Pires de Oliveira, mas Kersch mantém que também ele se encontra na escrita formal. No segundo texto (2001), que se refere

³ Que não deve ser confundido com ‘gramatização’, conforme se verá em seguida.

à mesma pesquisa, Kersch confirma que tanto na fala formal como na escrita formal as ocorrências de *onde* não-padrão se distribuem em acepções não previstas pela tradição gramatical, em contextos explicativos, concluindo que tais usos não se restringem a pessoas que não conhecem bem a língua (como sugerira Infante) – o que não impede que se pergunte se isso não deve ser discutido...

Cunha, Oliveira e Votre (1999), em pesquisa de caráter funcionalista, adotam uma perspectiva histórica associada à descrição sincrônica para compreender o processo de gramaticalização, ou seja, “regularização ou convencionalização” como resultado de recorrência de uso e aceitação geral – o que remete a uma abordagem pancrônica (um elemento lingüístico adquire e retém novos sentidos e usos sem perder os antigos). Nesse contexto eles apresentam o exemplo de *onde*.

Um princípio que eles denominam ‘uniformitarismo’ prevê que tendências hoje em curso devem ter atuado em estágios anteriores e possivelmente continuarão a atuar. Por outro lado, uma língua não tem organização estável do significado: “a língua não é, mas está”. Cada “fatia sincrônica”, portanto, representa um estágio em longa série de desenvolvimentos.

Para explicar o funcionamento de *onde*, os autores retomam um trabalho de Bezerra Oliveira sobre a gramaticalização desse pronome/advérbio, em sua polissemia (fenômeno destacado por Pires de Oliveira). A trajetória é de abstratização *espaço>tempo>texto*. Recortando alguns exemplos desse autor, temos:

- ... uma sala arejada ou um atelier onde as condições físicas do ambiente não tenham muitas variações. [espaço]
- ... depois disso teve a noite onde foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos... [tempo]
- O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. Onde eu acho um desafio. [texto]

Os autores esclarecem:

A pesquisa sobre os sentidos de *onde* em textos que abrangem desde o latim clássico até o português do século XVIII mostrou que há uma regularidade

no processo de metaforização na medida em que os sentidos de tempo e texto foram constatados em alguns textos medievais. O exame da evolução histórica do *onde* revelou que essa trajetória de abstratização é um caso remanescente de estágios anteriores da língua, em vez de uma inovação a ser explicada no âmbito estrito da sincronia. (1999, p. 90)

Essas observações envolvem a questão da língua padronizada nos instrumentos lingüísticos que uma hiperlíngua agrega. Os usos em aparente deriva seriam erros ou instâncias aceitas pela população culta, em vias de institucionalização ou já sancionadas pelo uso corrente em vários níveis?

Para refletir sobre essas questões, passo à análise do espectro de uso de *onde* nos dados coletados.

6 CORPUS E ANÁLISE

Proponho, preliminarmente, a seguinte categorização para os usos de *onde*, segundo a referência semântico-discursiva:

- a) Caso 1: referência a TEMPO;
- b) Caso 2: referência a PROCESSO;
- c) Caso 3: referência a MEIO (através do qual, pelo qual);
- d) Caso 4: referência a SEQÜÊNCIA SIGNIFICATIVA, como conetivo explicativo ou consecutivo;
- e) Caso 5: referência a LUGAR ABSTRATO

É comum a referência a tempo associada a espaço, o que é reconhecido já nas gramáticas descritivo-normativas, não sendo necessário insistir nisso⁴. Basta que se evidencie a funcionalidade das expressões *espaço de tempo*, *espácio-temporal* (ou *espaço-temporal*).

Um teste a que submeti os dados foi uma transformação sintática (TR) da expressão correspondente a *onde*, para verificar se aí ocorre a preposição *em*,

⁴ Remeto ao estudo de Eunice Pontes (1992), *Espaço e tempo na língua portuguesa*, e lembro o grande estudioso que foi Gustave Guillaume, que estabeleceu o seguinte princípio: “[...] o tempo [...] não é representável a partir de si mesmo, e deve, em conseqüência, solicitar sua representação a seu oposto: o espaço. A arquitetura do tempo, em qualquer idioma em que exista, é uma representação sistematizada obtida por meios espaciais.” (GUILLAUME, 1973, p. 185; tradução minha)

perguntando-me se isso estaria influenciando a homogeneização do correlativo *onde*. Por sinal, Pires de Oliveira (1998, p. 154) observa:

Não é a troca de nada que a preposição ‘em’ é usada para falarmos sobre eventos temporais. Vivenciamos o tempo como algo no qual estamos imersos, da mesma forma que estamos imersos em lugares. É essa a justificativa para o fato de que utilizamos ‘em que’ tanto para estabelecer vínculos espaciais quanto temporais.

A transformação dá resultado positivo quando se trata de perspectivar o tempo como lugar, mas ocorreria o mesmo com referência a processo, a meio, a lugar abstrato?

Com referência a *processo*, teoricamente é possível associá-lo a tempo, que por sua vez já se associa a espaço; estabelece-se, pois, uma extensão do vínculo. Ver-se-á, contudo, que na prática ocorrem alguns problemas.

A respeito de *lugar abstrato*, vê-se que as ocorrências aceitam em geral a transformação sintática, e o uso parece normalizar-se como aquele relativo a tempo, que se expande. A “abstratização” no uso de *onde* – ou, correlativamente, a concretização do que seria lugar abstrato, num ajuste de parte a parte –, corresponde a uma ruptura, que faz com que certa norma genérica seja descaracterizada por algumas ocorrências desviantes, que passam a ser regulares no uso da língua. Observa-se, então, a tendência a um alargamento de uso que põe em jogo as categorias concreto/abstrato. Para *onde*, o processo pode ser descrito, em princípio, sob duas perspectivas: a) ou dizemos, como na explicação funcionalista vista anteriormente, que há uma ampliação do espectro de uso de *onde* seguindo a trajetória de abstratização *espaço > tempo > ... > texto*; b) ou dizemos que *tempo, processo, lugar abstrato* etc. (categorias com as quais estou trabalhando) são todos visualizados e apreendidos como lugar, ao qual *onde* remeteria. Entretanto, como de fato ocorre uma relação, é mais coerente admitir uma tensão entre os dois movimentos.

Quando *onde* se refere a *meio* ou ponto de partida (através do qual, pelo qual), é menos simples encontrar aí um vínculo ou associação com lugar: os núcleos das expressões, nos dados, contêm nomes como *método, pontuação, acordo, sentido*. Não se trata das expressões em si, mas de como funcionam em cada contexto. Nesse caso, é bastante forçado o uso de *onde* presumindo nele a

intermediação ou indicação de ponto de partida, e a dificuldade da transformação sintática mostra que o afastamento do padrão é mais sensível.

Por fim, a que distância do padrão ficaria a referência ao que denominei *seqüência significativa*? Essa situação, que amplia⁵ o espectro de *onde*, levou Kersch (1996) a propor, como se viu, o *onde discursivo*, que se afasta de sua função adverbial como pronome relativo. Ou seja: não remete propriamente a um antecedente, nem o representa, mas funciona apenas como conetivo, como elo subordinante (por isso, a idéia de “referência”, aqui, só se faz de modo amplo). Nesse sentido, da referência a espaço físico passamos a uma “referência” tão abstrata quanto aquela que uma conjunção típica supõe na formulação discursiva.

Os exemplos para as categorias adotadas são seguidos da transformação sintática (TR) a que aludi acima. Os dados coletados englobam 49 ocorrências (TA = trabalho acadêmico), das quais selecionei um número que evidenciasse as várias categorias.

CASO 1: REFERÊNCIA A TEMPO – O TEMPO É PERSPECTIVADO COMO LUGAR

(1) “... proponho procedimentos alternativos de ensino e avaliação na tentativa de contribuir com o professor neste MOMENTO DESAFIADOR ONDE a escola deve assumir sua responsabilidade social.” (TA, 2001)

Trata-se de espaço de tempo; embora *momento* pareça designar um período muito curto, aqui ele se dá como estendido; assim considerado, é visualizado como espaço.

TR – A escola deve assumir sua responsabilidade social NESTE MOMENTO desafiador (compressão tempo-lugar?)

(2) “... como neste final de século XX. Um SÉCULO ONDE a barbárie das guerras, da fome e da miséria, de uma exclusão sem precedentes em nossa história é a tônica de nossos dias.” (TA, 2000)

Trata-se de espaço de tempo determinado. Essa determinação parece favorecer o uso de *onde*. Ela ocorre também nos exemplos (3) e (4). Faz-nos

⁵ Deve-se lembrar que esse uso não era incomum no português clássico, o que remete ao princípio funcionalista do “uniformitarismo”: tendências hoje em curso já atuaram em estágios anteriores da língua.

lembrar que a representação linear do tempo (linha do tempo), como início do processo de sua espacialização, permite cortes em porções específicas.

TR – A barbárie é a tônica NO SÉCULO XX.

(3) “É bastante singular, que este PERÍODO [anos 20], ONDE assistimos ao ressurgir e à disseminação do ocultismo em suas mais variadas vertentes...” (TA, 2000)

TR – Assistimos NESSE PERÍODO ao ressurgir...

(4) “Seguem-se TRÊS DÉCADAS, ONDE talvez as atenções estejam voltadas para a 2ª Grande Guerra e os conflitos políticos e armados gerados pela polarização Leste-Oeste...” (TA, 2000)

TR – NAS TRÊS DÉCADAS seguintes as atenções talvez estejam voltadas...

(5) “O que chamamos de escolha é um processo de seleção natural intracerebral que ocorre num TEMPO extremamente acelerado ONDE os vários cenários competem entre si até que se defina um vencedor.” (TA, 2000, idem)

Embora se tenha, aqui, um contexto que pareceria limitar a referência com *onde*, remetendo explicitamente ao movimento (*tempo extremamente acelerado*), a ocorrência mostra que não é o caso.

TR - NUM TEMPO extremamente acelerado os vários cenários competem entre si...

Note-se que a preposição *em* pode ocorrer em todos os casos, na transformação efetuada. Ela cobre, nessa construção, ocorrências de *onde* em contexto temporal. Mas selecionei, também, um caso-limite, representado pelo recorte abaixo:

(6) “ONDE melhor Vygotsky explorou suas idéias sobre a linguagem foi QUANDO da descrição de seu papel na atividade cognitiva...” (TA, 1996)

Nessa construção há um cruzamento explícito de lugar, de tempo e de processo. *Onde* ocorre como *relativo indefinido* (relativo sem antecedente), conforme Cunha e Cintra, podendo desdobrar-se em *o lugar em que* (cf. 1997, p. 337). Penso que construções semelhantes merecem investigação mais cuidada.

TR – Foi NA DESCRIÇÃO de seu papel na atividade cognitiva O LUGAR EM QUE Vygotsky... (Descrição: *processo*)

CASO 2: REFERÊNCIA A PROCESSO

A referência a processo pareceria funcionar como prolongamento da idéia de tempo: seqüência de eventos no tempo. O uso averigüado, contudo, mostra alguns problemas.

(7) “O que o senhor poderia nos dizer da PRIVATIZAÇÃO ONDE se consideraria a escola como uma empresa?” (TA, citação de pergunta reproduzida pelo autor, 1998)

TR – Considerar-se-ia a escola uma empresa NA PRIVATIZAÇÃO.

Neste caso seria forçado usar a preposição *em*. As alternativas seriam:

a) a partir da TR: Considerar-se-ia a escola uma empresa QUANDO ocorre a privatização;

b) a partir do recorte: O que o senhor poderia nos dizer da PRIVATIZAÇÃO PELA QUAL se consideraria a escola como uma empresa? (processo de tornar privativo, particular).

(8) “... através da ação, da prática, através de MEDIAÇÕES ONDE essas relações ganham efetividade.” (TA, 1995)

TR – Essas relações ganham efetividade NAS MEDIAÇÕES.

As relações ganham efetividade ATRAVÉS DE, POR MEIO DE MEDIAÇÕES. É interessante que *onde* tenha ocorrido nesse contexto, considerando a insistência (imediatamente anterior) de *através de*. *Mediações* parece um processo tornado singular (cada ato de mediação), tornando-se um *espaço nocional*..

(9) “[sugestões com foco no desempenho do aluno] – Entrevistas sobre projetos realizados pelo aluno que esclarecem a trajetória por ele percorrida; ou PRODUTO OU DEMONSTRAÇÃO ONDE o aluno explica as etapas de elaboração;...” (TA, 2001)

TR - O aluno explica as etapas de elaboração NO PRODUTO / NA DEMONSTRAÇÃO.

Pela transformação pode-se perceber que a alternativa adequada seria “etapas de elaboração DO PRODUTO/DA DEMONSTRAÇÃO”. No contexto do recorte, dir-se-ia que *produto* e *demonstração* servirão de meio para a explicação do aluno.

(10) “Portanto, em um processo desse tipo, não há SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO, ONDE a ciência faria sentido em um contexto mais amplo.” (TA, 2001)

Os caminhos de *onde* no português do Brasil: ...

TR – A ciência faria sentido em um contexto mais amplo NA SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO.

Supõe-se que se trate mais especificamente de a ciência fazer sentido PELA SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO.

(11) “É uma forma de INTERAÇÃO HUMANA, ONDE professor/aluno e aluno/aluno trocam experiências...” (resp. quest. pesquisa, 2002)

TR – professor/aluno... trocam experiências NA INTERAÇÃO HUMANA.

Dir-se-ia que se trocam experiências PELA INTERAÇÃO HUMANA.

Nos casos acima, parece estar claro que usar *em* na transformação afeta a relação que se estaria estabelecendo, e que adequadamente se faria com *por* (pelo(a) qual). Isso significa que há uma boa distância, nesses usos, com relação aos instrumentos gramaticais, e é mais sensível a inadequação do ponto de vista dos interlocutores menos tolerantes no espaço da hiperlíngua. Mas há ainda um ou outro caso-limite, como o que segue:

(12) “Uma pessoa quando morre não o faz simplesmente. Parte, deixando os que a amam em uma CIRCUNSTÂNCIA DOLOROSA, ONDE encontra-se o luto.” (TA, 2001)

TR – O luto se encontra NESSA CIRCUNSTÂNCIA DOLOROSA.

Diria que a circunstância dolorosa, nessa construção, seria “caracterizável como luto”, e que o uso de *onde* extrapola qualquer previsão de tolerância.

CASO 3: REFERÊNCIA A MEIO OU PONTO DE PARTIDA

(13) “No Distrito Federal, nós, professores, conhecemos e aplicamos metodologias como MÉTODO vivencial da professora Ivonilde, ONDE (sic)⁶ alunos eram separados por grupos após teste diagnóstico.” (TA, 1998).

TR – Os alunos eram separados por grupos NO MÉTODO.

Seria de esperar que a separação se desse SEGUNDO O MÉTODO/PELO MÉTODO/A PARTIR DO MÉTODO. “Método”, no entanto, parece ser visto diretamente como espaço.

⁶ O *sic* que aparece no texto é observação do autor da citação, que corresponde a questões apresentadas por professores.

(14) “Para Catach [...], cada escritor tem sua PONTUAÇÃO, ONDE se pode encontrar sua respiração.” (TA, 1998)

TR – Pode-se encontrar a respiração de cada escritor NA PONTUAÇÃO.

Penso que aqui se esperaria PELA PONTUAÇÃO/POR MEIO DA PONTUAÇÃO – que refletiria, de alguma forma, o ritmo respiratório de um escritor.

(15) “... a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa resolveram, em 1931, firmar um ACORDO, ONDE as duas nações procurariam estabelecer uma ortografia única e simplificada.” (TA, 1996)

TR – As duas nações procurariam estabelecer uma ortografia única e simplificada NO ACORDO.

Seria de esperar POR MEIO DO ACORDO. Assim, *onde* deve corresponder aí a *pelo qual*.

(16) “Acredito na possibilidade de RE-SIGNIFICAÇÃO da globalização ONDE a solidariedade e a ética estejam bem presentes...” (TA, 2001)

TR – A solidariedade e a ética estariam presentes NA GLOBALIZAÇÃO, NA RE-SIGNIFICAÇÃO? (há ambivalência)

Suponho que se deva ler que a solidariedade e a ética seriam possíveis PELA RE-SIGNIFICAÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO.

(17) “Para trabalhar nessa concepção [linguagem como interação] deve-se valorizar o conhecimento do aluno dando SENTIDO E APROFUNDAMENTO TEÓRICO AONDE o aluno vai construindo e modificando o que já sabe para melhor.” (resp. quest. pesquisa, 2002)

TR – A aluno vai construindo e modificando... NO SENTIDO E APROFUNDAMENTO TEÓRICO.

A alternativa seria A PARTIR DO SENTIDO E DO APROFUNDAMENTO TEÓRICO. Assim, a forma correspondente não seria *(a)onde*, mas *a partir dos quais*.

(18) “Esta concepção [noção quantitativa de texto] filia-se ao *discurso pedagógico autoritário*, onde o professor é autoridade máxima do saber institucionalizado.” (TA, 2001)

TR – O professor é autoridade máxima... NO DISCURSO PEDAGÓGICO AUTORITÁRIO.

A alternativa seria: PELO DISCURSO PEDAGÓGICO AUTORITÁRIO. “Discurso”, nesse recorte, parece ser visto como espaço concreto, ficando em segundo plano a relação discurso/professor.

CASO 4: REFERÊNCIA A UMA SEQÜÊNCIA SIGNIFICATIVA (EXPLICAÇÃO)

É notável como, nessa situação, o espectro semântico de *onde* se encontra expandido, valendo por *daí que, por isso...* Aparentemente, ao se ler o enunciado, existe um “antecedente” para *onde*. Vê-se, em seguida, que se trata de uma conexão mais complexa. Nos recortes que seguem, apenas para mostrar o distanciamento em relação aos outros casos estudados, a TR suporá uma expressão antecedente, a mais próxima de *onde*.

(19) “O processo decisório é ampliado em outro aspecto, ultrapassa as fronteiras geográficas, ONDE algumas decisões não mais dependem de um único governo, mas de vários governos;...” (TA, 1998)

TR – Algumas decisões não mais dependem... NAS FRONTEIRAS GEOGRÁFICAS.

Para situar o tipo de conexão que ocorre aqui, seria possível fazer analogia com a extensão de escopo do que os gramáticos chamaram “advérbio de frase”. Veja-se o seguinte paralelo:

- a) Amanhã não vai chover. *Felizmente*;
- b) O processo decisório ultrapassa as fronteiras geográficas. *Daí que* algumas decisões...

(20) “Para isto leva-se em consideração a importância da linguagem ONDE é preciso ter recursos humanos preparados e metodologias adequadas.” (Monografia não publicada, 2001)

TR – É preciso ter recursos humanos preparados... NA LINGUAGEM.

A relação que se pode supor entre linguagem e recursos humanos é: a linguagem é importante, POR ISSO é preciso ter recursos humanos...

(21) “Na adolescência, o jovem tende a uma maior independência intelectual, ONDE a compreensão de conceitos abstratos e a rapidez do raciocínio tornam-se evidentes.” (TA, 2001)

TR – A compreensão de conceitos abstratos e a rapidez do raciocínio tornam-se evidentes NA INDEPENDÊNCIA INTELECTUAL.

Supõe-se que seja esta a relação prevista: a compreensão de conceitos abstratos e a rapidez do raciocínio DECORREM da maior independência intelectual do jovem. No recorte, *onde* corresponderia a *por isso* (e formas similares).

(22) “Esse Projeto de Alfabetização é desenvolvido em horário de trabalho, ONDE o funcionário se desloca de seu posto de serviço para passar 1h30m na escola, que existe dentro da própria empresa.” (Relato de experiência em site, 2002)

TR – O funcionário se desloca de seu posto de serviço NO HORÁRIO DE TRABALHO.

Essa seqüência pareceria normal, não fosse a diferença semântica que se estabelece. Compare-se com: Esse projeto é desenvolvido em horário de trabalho, POR ISSO o funcionário se desloca de seu posto de serviço...

CASO 5: REFERÊNCIA A LUGAR ABSTRATO

(23) “[A educação catarinense] Necessitava, com certeza, de uma PROPOSTA CURRICULAR ONDE o envolvimento de quem faz a educação estivesse presente.” (TA, 2001)

TR - O envolvimento estaria presente NA PROPOSTA CURRICULAR.

Não é difícil imaginar que uma proposta curricular, que não é um objeto físico, possa ser materializada de preferência num documento físico, num espaço de escrita. Pode-se pensar, portanto, em lugar estendido, abstrato.

(24) “... os termos em questão [...] são definidos muito mais politicamente do que lingüisticamente (exceto, obviamente, nos CASOS ONDE as diferenças são tão grandes que não há comunicação possível: português e alemão, etc.).” (mensagem CVL, 2001)

TR – As diferenças são grandes EM CERTOS CASOS.

Casos não são lugares de um modo óbvio. Também poderia tratar-se, talvez, de processo. Mas a transformação produz uma seqüência semanticamente coadunada.

Os exemplos seguintes – (25) a (30) – deste grupo são bastante semelhantes a (24), por isso permito-me dispensar comentários específicos.

(25) “A terceira via é a idéia de uma nova SOCIAL DEMOCRACIA, ONDE o Governo deixa de ter papel produtivo mas mantém sua função de garantir os meios de

acesso à cidadania.” (site Internet, 2001)

TR – O governo deixa de ter papel produtivo NUMA SOCIAL DEMOCRACIA.

(26) “Em segundo lugar, trata-se de UM JOGO ONDE ser e parecer se confundem, na medida em que a realidade de uma posição social aí é apenas o que a opinião julga que ela é”. (Resenha jornalística, 2001)

TR – Ser e parecer se confundem EM CERTO JOGO.

(27) “A título de ilustração, pode-se citar, seguindo Coseriu (1987), o caso das VOGAIS EM ESPANHOL, ONDE não existe distinção entre abertas e fechadas.” (TA, 1999)

TR – Não existe distinção entre abertas e fechadas NAS VOGAIS EM ESPANHOL.

(28) “... DEBATES quase sempre pueris ONDE se discutia se máquinas podem ou não pensar, sem se ter sequer uma concepção consensual acerca do que seria o pensamento.” (TA, 2000)

TR – Discutia-se se máquinas podem ou não pensar EM DEBATES quase sempre pueris...

(29) “Bakhtin tem uma ABORDAGEM holística da linguagem, ONDE ela é inerente e constitutiva do Ser e deve ser vista como atividade em si própria, já que é atributo e não produto deste Ser.” (TA, 2000)

TR – A linguagem é inerente NA ABORDAGEM HOLÍSTICA de Bakhtin.

(30) “... há mais de 26 anos, a IstoÉ vem apostando no país. Não por pura ideologia, muito menos ingenuidade. Mas por saber que essa é a única aposta ONDE milhões de pessoas saem ganhando.” (publicidade da revista, 2003)

TR – Milhões de pessoas saem ganhando NESSA APOSTA.

Os exemplos desse último grupo (referência a lugar abstrato) correspondem a um uso que está, provavelmente, incorporado na escrita formal, ao lado daqueles que fazem referência a tempo. É exatamente para esses que a manipulação sintática proposta (com o emprego da preposição *em*) funciona sem destruir as conexões semânticas. Eles refletem, por isso, condições ótimas de mudança (sempre relativamente ao padrão dos instrumentos lingüísticos). Com referência a *onde* remetendo a lugares abstratos, encontra-se uma ampla gama: *situações, materialismo dialético, teoria da mente...*

Pires de Oliveira (1998, p. 156) mostra esta seqüência como exemplo de função de *onde* como “locativo abstrato”:

(31) Paramos *onde* [o] autor falava de vírus.

que é semelhante a este, com pronome sem antecedente (*onde* = no lugar, no ponto em que):

(32) “O uso que ele [Vygotsky] faz do termo ‘fala interior’, ONDE, hoje, poderíamos falar de ‘processamento de informações’ ou ‘processos cognitivos’, reflete essa asserção,...” (TA, 1994)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do material coletado mostra uma gradação relativamente ao afastamento do que preconizam os instrumentos lingüísticos (maior o afastamento, menor a aceitação por parte dos usuários menos tolerantes, embora se reconheça que o uso se estende, que há dispersão, deslizamento semântico): levando em conta a manipulação sintática (TR) e o efeito semântico produzido, são aceitáveis/aceitos (ou mais incorporáveis) os usos de *onde* com referência a *tempo* e a *lugar abstrato*; menos aceitáveis, por ordem de afastamento da norma, os usos com referência a *processo*; a *meio ou ponto de partida*⁷; a *explicação relativa a seqüência significativa* (*onde* discursivo). Se isso puder ser esquematizado, proponho o seguinte – sem que tal deva ser lido como se houvesse um fluxo sem retorno, e uma fase eliminasse a outra:

espaço físico → tempo → espaço abstrato → processo → meio
→ explicação/consecução

Lembrando Coseriu, diríamos que essa complexa manifestação é um “reflexo do diacrônico no sincrônico”. O que se observa é que há condições de mudança e usos já bem estabelecidos. Essa efervescência permite que se flagre o próprio “fazimento das línguas”.

É interessante notar que, ao lado de redundâncias aparentemente preventivas (um excesso que pode pressupor o controle do sentido em benefício do leitor – tal como em interação entre), haja elementos da gramática amalgamando funções variadas. A vertente mais “tolerante” da comunidade

⁷ Observei, no grupo em que *onde* remete a processo (Caso 2), que, na prática, há emparelhamento com meio/ponto de partida (Caso 3), no sentido de que, em forma padronizada, as construções demandariam um elemento de mediação: *por, por meio de, através de*.

discursiva (como especificado por Auroux) pode entender que essa simplificação traz algum benefício, e em última instância ela reflete um fato lingüístico; a vertente menos “tolerante” argumentará que o efeito da neutralização formal de funções pode significar perda gradativa de distinções cognitivas importantes – o que é uma hipótese a considerar⁸.

Para além da avaliação subjetiva que qualquer especialista possa fazer, os usos registrados retratam o fluxo de uma língua que, mesmo monitorada e teoricamente seguindo normas, mostra derivações importantes que têm conseqüências para a pedagogia da língua. Com efeito, como reagir diante das formas legitimadas pela gramática prescritiva em relação às que efetivamente ocorrem no português brasileiro formal? Que critérios serão usados para avaliar erros e inadequações?

Lembro que Bréal, em seu Ensaio de semântica (obra que tem mais de um século), voltado para os processos de mudança, afirma:

Uma prudência instintiva, que é o produto de muitas tentativas malsucedidas, faz com que [...] se renuncie a construções que se tornaram muito difíceis de serem compreendidas. É raro que o povo não use dessa precaução. O que ele não compreende, ele abandona ou transforma. (BRÉAL, 1992, p. 49)

Ainda que se trate, nesse contexto, da circulação de material lingüístico junto ao povo não especializado em estudos lingüísticos, há que considerar, por motivos específicos, os usuários cultos. Diria que a própria ausência de controle programático sobre o uso, bem como a (necessária) incompletude das gramáticas, são fatores de peso no que parece ser um “descontrole” de uso. Além do mais, os manuais voltados para o ensino nem sempre consideram o papel dos elementos da língua e das funções gramaticais no jogo discursivo.

As possibilidades de significância dos elementos lingüísticos são continuamente negociadas. Formas e sentidos historicamente estabelecidos, com registro instrumental no espaço da *hiperlíngua*, são retomados e modificados, para o bem ou para o mal. É claro, por outro lado, que um saber lingüístico,

⁸ Como exemplo desse caso, que enquadro em minha pesquisa como formas contrastivas que tendem a unificar-se, cito um conjunto que tem sido salientado nos manuais didáticos: *sen., o/se n., o, porque/por que, dentre/entre, ao invés de/em vez de*.

como parte do acervo cultural, da memória discursiva num espaço-tempo considerado, terá sempre seus defensores (eventualmente nomeados pejorativamente como ‘conservadores’), verificando-se maior ou menor tolerância em relação ao que resiste à conservação. Sempre haverá um espaço de dissensão, em que o próprio senso de correção pode levar ao “excesso”: a hipercorreção.

Contemporaneamente o uso de *onde* mostra efeitos menos ou mais aceitáveis; os matizes, entretanto, vão circulando e, se adotados, passarão ao domínio comum – o que, acontecendo em todos os domínios, indica que aquilo que foi estabilizado não tem homogeneidade: é uma fatia da história da língua, espaço da história, lugar de sintoma de futuras mudanças.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- _____. A “hiperlíngua” e a externalidade da referência. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 241-251.
- _____. Les limites de la grammaire. **Organon**, Porto Alegre, v. 11, n. 25, p. 123-141, 1997.
- _____. Língua e hiperlíngua. **Línguas e instrumentos lingüísticos**, Campinas, n. 1, p. 17-30, jan.-jun. 1998.
- BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica: ciência das significações**. Tradução de Alda Ferrás et alii. São Paulo: EDUC, 1992.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário do brasileiro de bolso**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/ São Paulo: EDUSP, 1979.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. 35. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; VOTRE, Sebastião. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 85-111, 1999.
- FLACH, Querino Alfredo. Nos meandros da linguagem – 33. Florianópolis, **O Estado**, 31/07/1977.

Os caminhos de *onde* no português do Brasil: ...

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992. Or. ingl. 1989.

KERSCH, Dorotéa Frank. Onde – uma questão de lugar? In: LIMA, Marília dos Santos; GUEDES, Paulo Coimbra. **Estudos de linguagem**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996. p. 107-119.

_____. A palavra *onde* no português do Brasil. In: LEFFA, Vilson J. (Compilador). **TELA (Textos em Lingüística Aplicada)**. [CD-ROM]. Pelotas: Educat, 2000.

GUILLAUME, Gustave. **Langage et science du langage**. 3. éd. Québec: Presses de l'Université Laval, 1973.

LEITE, Marli Quadros. **Metalinguagem e discurso**: a configuração do purismo brasileiro. São Paulo: Humanitas/USP, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento** [?]. 2. ed. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1997. Or. ingl. 1988.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Os caminhos do 'onde': uma contribuição da semântica ao ensino de língua materna. In: CABRAL, Loni Grimm; GORSKI, Edair (Orgs.). **Lingüística e ensino**: reflexões para a prática pedagógica da língua materna. Florianópolis: Editora Insular, 1998.

PONTES, Eunice. **Espaço e tempo da língua portuguesa**. Campinas: Pontes, 1992.

POSSENTI, Sírio. **A cor da língua e outras croniquinhas de lingüística**. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

Recebido em 17/07/03. Aprovado em 05/03/04.

Title: The paths of *where* in Brazilian Portuguese: linguistic tools and linguistic change

Author: Maria Marta Furlanetto

Abstract: The present work – focusing the use of *where* in Brazilian Portuguese - is a topic in a research whose goal is to study, from data gathered in written documents that (supposedly) employ an educated standard of Brazilian Portuguese, tendencies to changes in use at a number of levels (lexical, morpho-syntactic, semantic, discursive), trying to specify discursive factors of such changes. The analysis of the *corpus* shows a gradual distancing in relation to what linguistic tools recommend, pointing to a use in which one finds semantic dispersion and sliding, thus showing that in addition to references of *where* and of *time*, there are cases of reference of *process*, of *means*

or starting point and of explanation that has as its scope a significant sequence.

Keywords: formal writing; linguistic tools; change.

Titre: Les chemins de *où* dans le portugais du Brésil: instruments linguistiques et dérivation

Auteur: Maria Marta Furlanetto

Résumé: Ce travail – qui focalise l’emploi de *où* dans le portugais brésilien – est le topique d’une recherche qui a l’objectif d’étudier, dans des données prises dans des documents écrits qui (peut-être) se servent du portugais de registre standard, les tendances à la dérivation dans plusieurs niveaux (lexicologique, morphosyntaxique, sémantique, discursif), cherchant à spécifier des facteurs discursifs de cette dérivation. L’analyse de ce *corpus* démontre un éloignement graduel par rapport à ce qui est préconisé par les instruments linguistiques, déterminant un emploi dans lequel il y a dispersion et glissement sémantique, démontrant que, au-delà de la référence de *où* à *temps*, il y a des cas de référence à *procès*, *au moyen ou point de départ* et l’explication *qui a comme intention une séquence significative*.

Mots-clés: écrit formel; instruments linguistiques; changement.

Título: Los caminos de *donde* en el portugués de Brasil: instrumentos lingüísticos y deriva

Autor: Maria Marta Furlanetto

Resumen: Este trabajo – focalizando el uso de “donde” en portugués brasileño – es tópico de una investigación que tiene como objetivo estudiar, en datos coletados en documentos escritos que (supuestamente) utilizan el portugués podrán, las tendencias a la “deriva” en varios niveles (lexicológico, morfosintático, semántico, discursivo), buscando especificar factores discursivos de esa deriva. El análisis del corpus muestra un distanciamiento gradual relativamente a los que preconizan los instrumentos lingüísticos, apuntando un uso en que hay dispersión y deslizamiento semántico, se mostrando que, para además de la referencia de “donde” a “tiempo”, ocurren casos de referencias a “proceso”, a “miedo” o “punto de partida” y a “que tiene como escopo una secuencia significativa”.

Palabras-clave: escrita formal; instrumentos lingüísticos; cambio.